

## 8º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2009

### Relato Ficcional:

*O DIA EM QUE ENXERGUEI MARIA*

Autora: Sueli Patelli de Oliveira.

Jundiaí - São Paulo

Encontrava-me numa casa confortável, beneficiando-me de uma pensão significativa, fruto da minha viuvez precoce. Meu marido era um diplomata.

Lembrava-me dos dias de anfitriã. Delicadamente recebia os ilustres convidados, deixando-os à vontade no ambiente aconchegante que fazia questão de preparar pessoalmente.

Tempo bom aquele, tempo de aprendizado.

A maturidade tinha me presenteado com a paciência e reflexão. Minha mente trabalhava dia e noite com a possibilidade de sair da minha zona de conforto. Utilizar minha experiência, meu intelecto para fazer algo que enchesse meu coração de gozo, simplesmente pelo prazer de fazê-lo.

Convites e mais convites inundavam a minha escrivaninha, deixando-me insatisfeita, indecisa e incompleta.

- Leia um, dona Sofia, vai ser bom pra senhora. – disse Maria, uma empregada de minha confiança.

Num impulso peguei um convite envolto por um envelope lilás e olhando nos olhos simples de Maria, indaguei:

- Leia este!

- Não senhora, não faça isso comigo não...

Maria enrubesceu, atrapalhou-se e num gesto incompreensível se retirou do escritório, deixando-me intrigada com sua atitude.

Ri do seu jeito desconsertado, achei que era pura vergonha.

À noite, deitada em minha cama, lembrei-me da cena de Maria assustada com a possibilidade de ler um convite.

Há anos ela limpava minha casa, sorria com a alma aberta e conversava de assuntos diversos numa inteligência, que me assombrava conceber a possibilidade de minha miopia não enxergá-la.

No dia seguinte, intrigada com a dúvida que pairava sobre a minha cabeça, chamei-a para uma conversa simples e direta.

Os olhos amêndoas, caídos com a idade, olhavam os meus. Percebi sua pupila dilatar e um suspiro revelou que tinha algo a dizer.

Deixei-a à vontade e Maria, timidamente, confessou a sua ignorância com as letras.

Naquele momento meus olhos se abriram ao perceber a realidade de nosso país bem embaixo do meu nariz.

Meu falecido marido era um exímio leitor, minha biblioteca particular contemplava obras clássicas e muitas outras. E ao meu lado estava um ser humano incapacitado de saborear, de sonhar, de viajar e ser levado ao êxtase e delírios, frutos da leitura.

- Sente-se nesta poltrona. – disse apontando para uma poltrona em frente a minha.

- Ai senhora, tenho vergonha. – cabisbaixa, murmurou Maria.

- Não tenha.

Virei meu corpo rapidamente e peguei um livro que estava em cima de minha escrivaninha. Estava relendo aquele livro por puro gosto.

- Veja Maria, este livro foi escrito por um autor chamado Machado de Assis. O nome do livro é Dom Casmurro.

Maria riu, colocou a mão na boca para disfarçar a empolgação que sentia ao ser apresentada ao escritor Machado de Assis.

Aproveitei sua descontração e comentei que ao ler Dom Casmurro, a maior dúvida era se Capitu, a personagem da história, tinha traído ou não Bentinho, outro personagem, o próprio Dom Casmurro.

- Nossa!

A expressão saiu naturalmente quando comentei sobre a trama do livro.

- A senhora falando assim, até eu fico com vontade de saber. – escapuliu um desabafo.

- Pois bem, Maria! Vamos entrar nesta história juntas. Quem sabe agora eu a entenda melhor? Posso ler? – pedi o consentimento à ela.

- Ai senhora, vai dar um trabalhão. A senhora é ocupada demais pra fazer isso pra mim.

- Quer ou não quer?

- Quero.

- Pronto.

Naquele dia Maria abriu os ouvidos e o coração. Comecei a leitura.

Parava quando percebia um ponto de interrogação dançando em sua testa. Explicava o significado das palavras desconhecidas por ela e continuava.

Matriculei-a em um curso de alfabetização para adultos, mas a leitura compartilhávamos juntas. Todas as tardes íamos até o escritório, lá abria um livro, depois outro até o dia em que Maria leu para mim. Chorei. Uma leitura truncada, vagarosa, mas encharcada pela emoção, pelo deslumbre da descoberta do mundo.

Os dias correm como as águas dos rios.

Um dia, encontrei Maria, procurando um livro, mas sem êxito frustrava-se.

- Maria, que livro pretende ler?

- Dona Sofia, aquele que me mostrou outro dia: do bruxinho.

Sorri, dei alguns passos, afastei alguns livros e enfim encontrei Harry Potter.

Ao ver o livro, a alegria brotou naturalmente no rosto dela.

- Vou ler esse livro pra minha netinha de oito anos!

Maria não parou de ler, de estudar, de crescer... E eu consegui curar minhas feridas, apenas tirando a cegueira impregnada em minha alma. O sentimento de gozo, que outrora buscava, foi preenchido ao compartilhar a leitura com Maria.

### **Relato Real:**

#### ***LEITURA NAS ONDAS DO RÁDIO***

Autora: Neick Lopes.

Turmalina – MG

Toda 5ª feira, das 17 às 18h, a voz inconfundível do cantor Gonzaguinha invade a ondas sonoras de Turmalina, município com pouco mais de 17.000 habitantes, encravado no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, cantando “O

que é o que é?”, música que faz a abertura do Programa Proseando, apresentado por Neick Lopes na Rádio Cultura FM local.

Neste exato instante, como num toque de mágica, todos os rádios da cidade e da zona rural e adjacências estão sintonizados no programa. A partir daí torna-se difícil separar o individual do coletivo, a ordem da subversão, o real do imaginário, o sonho da realidade, a mentira da verdade, a emoção da razão, a fé do conhecimento...

Ouvidos colados ao rádio, crianças, adultos, jovens, idosos, mães e pais, políticos, professores e alunos se tornam crianças de novo, porque curvados ao poder e ao magnetismo das histórias que, como a música de abertura, contam a mais linda das histórias que se chama vida, expressa com amorosa sensibilidade, ecoando na voz da locutora que dá vida aos personagens, sempre à procura de um mundo melhor, do “foram felizes para sempre”.

O livro reina absoluto e soberano sobre tudo e todos e chega até ao âmago dos ouvintes levando mensagens de carinho, incentivo, ternura, alegria, alívio e paz. O livro é manuseado, sentido, acariciado, desvendado, sugerido e finalmente desejado como se desejam os sonhos mais ousados, as estrelas mais luminosas, a fantasia mais imaginada, a felicidade mais procurada, o brinquedo mais esperado.

São tantos os contos, cantos e encantos! Tenho contado histórias para crianças, jovens, adultos e velhos e a cada programa, eu me entusiasmo, emociono-me mais. Às vezes, tenho retorno imediato através de comentários: “Adoro o seu programa”, “estou esperando seu alô”, “aquela história – Como nasceu a alegria – é linda!”

“A mensagem – Tens tudo para ser feliz – iluminou o meu dia”. E as cartas que recebo!... São cheias de belos e singelos elogios, de compromissos no cuidado com o meio ambiente e de exemplos de gestos concretos de paz, praticados. Porém, o mais comum é não saber o que acontece com a história depois de contada. Não me preocupo muito com isso. Ela, a história, é dada de presente aos ouvintes. Farão dela o que quiserem...

Para obter a chave que abre as portas da imaginação procuro reviver, trazer à tona, botar à flor da pele a criança que existe dentro de mim. Não raro, tenho que fazer o “jogo do contente”. Desse meu estado de espírito depende o sucesso do programa. Esse jeito amigável, confiante, amoroso é que faz a diferença!

Cecília Meireles enfatiza: “O gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos e canções, danças entremeadas às narrativas”. Inspirada nesse ensinamento saio de dentro da biblioteca e uso o espaço fascinante do rádio. Ali deixo a mensagem brotar da alma até chegar, bem fundo, ao coração dos ouvintes leitores já leitores e leitores em potencial. É impressionante como mensagens tão singelas, ações tão simples podem nos reconectar conosco mesmo e ao mesmo tempo nos reconectar com os outros. O rádio nos permite trabalhar valores como paz, solidariedade, honestidade, justiça e respeito. Ao contar a história o “Pote Vazio” ou a “Flor da Honestidade”, por ex, convido os ouvintes a pegar saquinhos com sementes de flores na Biblioteca Ler é Preciso (uma das muitas maneiras de levá-los a ter

contato com os livros) e plantá-las em suas casas. Depois, é regar com água e carinho e me dar retorno dos seus jardins.

Se “a leitura nos ajuda a ler a realidade em que vivemos, nos ajuda a ter senso crítico e a sonhar, plantar flores em decorrência da leitura nos leva a transformar a realidade, a incluir o belo no cotidiano, a dar poesia ao ato de viver.”

Às vezes, tenho a sensação de que o que estou fazendo é bem pouco, mas quando vou partilhar os resultados, deixo de lado as incertezas e preocupações para só perceber a grandeza da possibilidade de novas escolhas. A gente percebe que muita coisa se modificou e se modifica a cada 5ª feira, a cada programa. De uma coisa temos certeza: já não somos os mesmos. Parodiando Nara Leão: com açúcar, com afeto, li seu livro predileto, para você florir a vida...

Era uma vez... Uma cidade chamada Turmalina. Nesta cidade – rebatizada Alegria – o sonho passeia nas asas da liberdade e a imaginação faz cócegas no pensamento dos ouvintes. Essa estreita sintonia entre o livro e o ouvinte transforma políticos, pastores, padres, professores, jovens e crianças em leitores. E em função desse gosto pela leitura, toda 5ª feira, no horário das 17 às 18 horas a cidade para. Todos estão sintonizados na Rádio Cultura FM ouvindo o programa líder de audiência. Qual o programa? O Proseando, claro! Proseando, claro!